



filipina, tivessem chegado alguns dos mestres da baleação do golfo da Biscaia, que outros não havia mais destros na Europa desde o século XII...

O certo é que a administração de Pombal e dos Capitães-Generais de Angra estabeleceu, pelo menos aparentemente, certa ordem nas actividades baleeiras que rondavam estas ilhas para explorar os mares, primeiramente em regime de cruzeiro, mais tarde em regime de estação, para se transformar só há um século em actividade puramente regional de feição sedentária (canoas baleeiras com apoio em terra).

Os baleeiros açorianos aprenderam muito embarcando nos veleiros que, vindos de Nova Inglaterra, aportavam

às Flores, ao Faial, a São Jorge, à Terceira para refresco e para depositar (sobretudo na Horta) o óleo que era derretido a bordo das barcas.

O caso açoriano de New Bedford — aflorado em livros americanos — evidencia-se em depoimentos que me foram pessoalmente facultados por Mr. Thomas Rowley, segundo os quais o director do Whaliny Museum daquela cidade, Mr. Philip F. Purrington, afirma: «Como deve saber há larguíssimos elementos açorianos na população de New Bedford, todos em vários graus de integração na sociedade comunitária e na vida económica local. Os primeiros ilhéus chegaram aqui nos nossos barcos veleiros a partir de 1800. Nos fins do século XIX e depois até aos anos de 1920 houve muitos que vieram para aqui trabalhar na então grande indústria têxtil» (estes são sobretudo micaelenses). E mais afirma: «Segundo o que sei, a contribuição açoriana para a indústria baleeira consistia sobretudo em provisões, trabalho e armazenamento, pois as Ilhas encontravam-se convenientemente localizadas nas rotas dos navios que tinham de depositar os produtos da pesca em portos de percurso. Com o correr dos anos houve um número crescente de portugueses que subiram de posição chegando a oficiais e a donos dos navios (armadores)» — o último dos quais, segundo creio, é o Capitão Joe que, ainda há três anos, veio até à sua terra, à ilha das Flores.<sup>5</sup>

Um catedrático norte-americano de ascendência portuguesa — o Prof. Francis Millet Rogers [1914-89] — no seu opúsculo *Insular Portuguese Pronunciation*<sup>6</sup> refere-se, se bem que muito de passagem, à influência americana nos portos baleeiros dos Açores. Pois basta atentar-se em que no ano 1851 estiveram no porto da Horta 182 barcas para se fazer uma ideia do que terá sido essa influência, aliás reconhecida na nomenclatura dos apetrechos e na linguagem baleeira em geral, ainda hoje. Em 1768 teria sido de 200 o número das embarcações em exploração nos Açores.

Quanto de elementos — especialmente estatísticos — não haverá no

arquivo da Capitania Geral dos Açores?

Pelo que diz respeito a documentação nos Estados Unidos, sabe-se que o material a explorar é volumoso. Não há muito tempo, a Providence Public Library contava publicar um catálogo dos diários de bordo, diários particulares, livros de contas e papéis diversos relacionados com a indústria baleeira, tudo num total de 15 000 «entradas».<sup>7</sup> Vários desses diários de bordo foram escritos em português, naturalmente por portugueses, havendo quem (com responsabilidade) chegue a afirmar que, em determinadas épocas, a proporção de açorianos a bordo das barcas americanas chegou a ser de 80 a 90%...

A posição oficial portuguesa relativamente ao «cerco» baleeiro dos Açores, que assumira expressão clara no tempo de Pombal, declinou, esfumou-se, até que perante o Augusto e Soberano Congresso das Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa de 1820 um deputado se insurgiu contra a governação central que permanecia desatenta, senão alheia. Aliás, o mesmo sucedeu passados 80 anos quando, também nas Cortes, outro deputado pôs com a questão dos *Interesses Açorianos* o assunto da exploração baleeira.

Larga e competentemente deverão ser estudadas as influências mútuas portuguesas e americanas, uma vez que se procedesse a exame sistematicamente adequado dos elementos localizados nos dois países.

As simples notas de indicação que acima ficam parece serem suficientes para justificar as presentes linhas.

João Afonso

*Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 27 de Abril de 1967, pp. 2, 3.

<sup>1</sup>É de Ricardo Manuel Madruga da Costa o seguinte testemunho: «E aproveito para escrever sem hesitações que João Dias Afonso, cujo nome parece ter sido banido de qualquer registo onde se tratem estes assuntos, não só foi um pioneiro no desbravar do conhecimento histórico e técnico relativo à caça à baleia nos Açores, a que acresce o estudo de mais de duas décadas sobre a presença dos açorianos a bordo da frota baleeira americana, foi igualmente o ilustre açoriano que com o seu enorme e comprovado saber especializado, ampla cultura e fina sensibilidade, soube reunir os colaboradores capazes e deu corpo e forma ao Museu dos Baleeiros.»

<sup>2</sup>Também por esta altura o tenente-coronel José Agostinho (1888-1978), igualmente terceirense, em crónicas de imprensa de 1956 deu conta dos trabalhos de oceanógrafos e conservadoristas britânicos no Faial, como o destacado Robert Henry Clarke (1919-2011), inclusive recorrendo a meios aéreos de avistamento de cachalotes e outros cetáceos.

<sup>3</sup>«Pressurosa e afanosa pluma» é, justamente, o título da exposição biobibliográfica que a Biblioteca Pública de Angra do Heroísmo lhe dedicou em 2014.

<sup>4</sup>Que os Açores — verdade seja dita — nada fazem por criar *em seu benefício*, em particular junto das comunidades nos Estados Unidos da América, onde há mais de um século está muito bem enraizada uma cultura de mecenato e benemérito, mas também fazendo valer, recuperar e seguir exemplos regionais de outros tempos.

<sup>5</sup>V. «O *captain* Joe, um baleeiro de Nova Belford ...», *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 18 de Julho de 1965, pp. 1, 4. O texto não está assinado, mas pode ser atribuído a João Afonso.

<sup>6</sup>«*Insular Portuguese Pronunciation: Central and Western Azores*», in *Hispanic Review*, vol. 17, n.º 1, Janeiro de 1949, pp. 47-70. Pode ser consultado em-linha.

<sup>7</sup>Relativos à sua extensa Nicholson Whaling Collection, doação familiar feita apenas um ano antes, em 1956 — o que mostra quão João Afonso estava em contacto com aquela instituição.

## Câmara Municipal de Ponta Delgada apoia Associação de Juventude Aprender a Viver

A Câmara Municipal de Ponta Delgada, presidida por Pedro Nascimento Cabral, atribuiu um apoio financeiro de 16 mil euros à Associação de Juventude Aprender a Viver.

Esta verba teve como objectivo ajudar à realização do Festival Internacional de Arte Urbano nos Açores que trouxe ao concelho de Ponta Delgada centenas de artistas de todo o mundo, tais como bailarinos, grafiteiros, skaters, pintores, entre outros.

A autarquia acredita que para além de fomentar o gosto pelas mais variadas for-

mas de arte entre os jovens, este evento proporcionou o desenvolvimento da economia local e ajudou na promoção turística do concelho.

“Apoiamos a realização deste festival porque sentimos que estamos a investir no futuro dos nossos jovens e no desenvolvimento da nossa comunidade. Através dessa iniciativa, trazemos ao concelho uma riqueza cultural única, que une talentos de todo o mundo e estimula a nossa economia e turismo”, afirmou o Presidente do município, após a sessão de assinatura do protocolo.

Presente na ocasião, a Presidente da Associação de Juventude Aprender a Viver, Solange Ponte, agradeceu o apoio e salientou a importância desta verba para a realização do festival: “Este é um evento que traz à Região e ao centro histórico da cidade a verdadeira importância e sentido das artes urbanas. Unimos o trabalho de artistas locais, nacionais e internacionais e damos voz a várias formas de arte. Isto é único dos Açores”, afirmou.

A Associação de Juventude Aprender a Viver é uma instituição sem fins lucrativos



destinada à promoção de actividades para os jovens.